

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

62

INSCRIÇÕES 280-284



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1999

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of *CONIMBRIGA* whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja

Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos

Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA"
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

ÁRULA AOS LARES (ALVITO)
(*Conventus Pacensis*)

Inscrição votiva, dedicada aos deuses Lares, encontrada por volta de 1994, na Herdade de São Romão, freguesia e concelho de Alvito, pelo Sr. António Freire¹, que a depositou na igreja da Misericórdia da vila. No sítio do achado existiu uma *uilla*, ainda não estudada, onde são frequentes os achados de materiais romanos e parcialmente visíveis alguns tanques revestidos com *opus signinum*.

Trata-se de uma árula monolítica, de mármore branco regional. Apresenta o capitel, o fuste e a base partidos, tendo-se parcialmente conservado a moldura da base.

Dimensões: 55 x 23,5 x ?²

[LA]RIBV[S] / [S]ACRV[M] / [... A]NNIVS RV[...] / [F(*ilius*)
P]RIMV[S] / D(e) S(uo) [P(*osuit*)]

Consagrado aos Lares. ... Ânio Primo, filho de Ru... pôs a expensas suas.

Altura das letras: l. 1: ?; l. 2: 2,8; l. 3 a 5: 2,9. Espaços: 2 a 5: 1,2/1,3; 6: 2,9.

¹ A quem os Autores agradecem a gentileza com que nos prestou todas as informações necessárias para a publicação deste monumento, agradecimentos extensivos à C. M. de Alvito, que financiou o seu estudo no âmbito dos nossos levantamentos para a Carta Arqueológica do concelho, e ao Doutor José d'Encarnação, que amigavelmente nos ajudou na edição do texto.

² Não é possível medir a espessura, dado que o monumento se encontra cimentado a um canto das paredes da igreja.

A inscrição foi aberta no fuste, desenvolvendo-se por cinco linhas que se encontram danificadas à esquerda e à direita, estando também a primeira partida no sentido longitudinal. Aparenta estar cuidadosamente paginada, obedecendo a um eixo de simetria, apenas não existente na l. 4, de forma a não destacar o cognome do ofertante; na l. 1, porém, é posto em relevo, com letras de módulo maior, o nome dos deuses cultuados.

As letras são de bom talhe e elegantes, com o “A” sobrevente traçado, os “R” arqueados e os “V” assimétricos. O “I” do gentílico apresenta um traço inferior mais largo, que o confunde com um “L” e o do cognome é mais alto do que as restantes letras (3,3 cm).

Dos *tria nomina* do dedicante perdeu-se a abreviatura do *prae-nomen*. O gentílico *Annius* está já bem representado no Convento Pacense (veja-se IRCP, nomeadamente p. 56). Preferimos, por razões de norma, atribuir o nome *Ru...* ao pai, em vez de a um cognome duplo do dedicante; também a reconstituição da epígrafe em função de um eixo central o permite, podendo aqui o nome paterno ser *Rufi*, seguido do “F” já na linha posterior.

É relevante, neste monumento, o facto de, pela primeira vez, nos surgir uma inscrição dedicada aos Lares no Convento Pacense, o que indicia a sua relativa raridade, sendo ainda significativo que não apresente qualquer epíteto que denuncie aculturações pré-romanas, como é relativamente comum no Norte do nosso país.

Trata-se do culto romano dos génios protectores da família, apontando as características, muito correctas, da epígrafe para uma cronologia dos meados do século I aos meados do II.

A. M. DIAS DIOGO
JORGE FEIO



280

ESTELA FUNERÁRIA DE VILA DO TOURO (SABUGAL)

Estela funerária de granito, de grão fino, identificada em Março de 1998, durante as obras de reabilitação de um edifício particular na Rua Direita, em Vila do Touro (concelho do Sabugal). A epígrafe encontra-se reaproveitada no resguardo do balcão de entrada da casa.

Trata-se de um monumento de fabrico cuidado, embora se encontre bastante degradado nas faces laterais, pelo desgaste e pela posterior reutilização. A face que ostenta a inscrição foi ligeiramente alisada.

O campo epigráfico apresenta-se escavado e é definido por uma moldura bastante gasta e destruída, correspondendo a uma faixa de 4,5 cm., no cimo e nos lados. A moldura está separada da base por um filete duplo de 3,5 cm., seguido de ranhura. O topo poderia ter um acabamento trabalhado, não visível.

A base possui um estreitamento recente, apenas na face lateral esquerda. A face anterior da base está também alisada. No fundo da base, identifica-se um orifício, de modo a colocar a estela na vertical sobre um espigão metálico.

Dimensões: 111 x 46 x 23.

Campo epigráfico: 61 x 38.

[T]ANGINO / TALAVI(i) F(ilio) AN/NORVM LXX (*septuaginta*) / PATRI · ET · TAN^sGINO TALA/VI(i) F(ilio) ANNORV/M · XX (*viginti*) · TALAVI/VS · TANGINI · F(*ilius*) // F(*aciendum*) C(uravit)

Ao pai Tangino, filho de Talávio, de setenta anos, e a Tangino, filho de Talávio, de vinte anos – Talávio, filho de Tangino, mandou fazer.

Altura das letras: l. 1: 5; l. 2: 5,1; l. 3: 4,9; l. 4: 5,2; l. 5: 5,6; l. 6: 4,5; l. 7: 4,8; l. 8: 4,4; l. 9: 5,9. Espaços: 1: 1,9; 2: 3,2; 3: 4; 4: 3,2; 5: 3,1; 6: 3,8; 7: 2; 8: 0,7; 10: 1,9 dentro, mais 4,5 fora.

O texto apresenta-se completo, distribuído pela totalidade do campo epigráfico, dividido em nove linhas. O *ordinator* pretendeu alinhá-lo de modo justificado. As últimas linhas do campo epigráfico foram apertadas, dada a exiguidade do espaço que sobrou. A l. 9, com a fórmula final, foi gravada fora do campo epigráfico, abaixo da moldura.

As letras lêem-se com facilidade, embora se encontrem ligeiramente desgastadas, faltando apenas o T do nome do 1.º defunto. Os caracteres são irregulares, mas algumas letras aproximam-se do tipo monumental quadrado, como é o caso dos O e dos A. Apenas nas l. 4, l. 7 e l. 8 se observam pontos de separação entre as palavras.

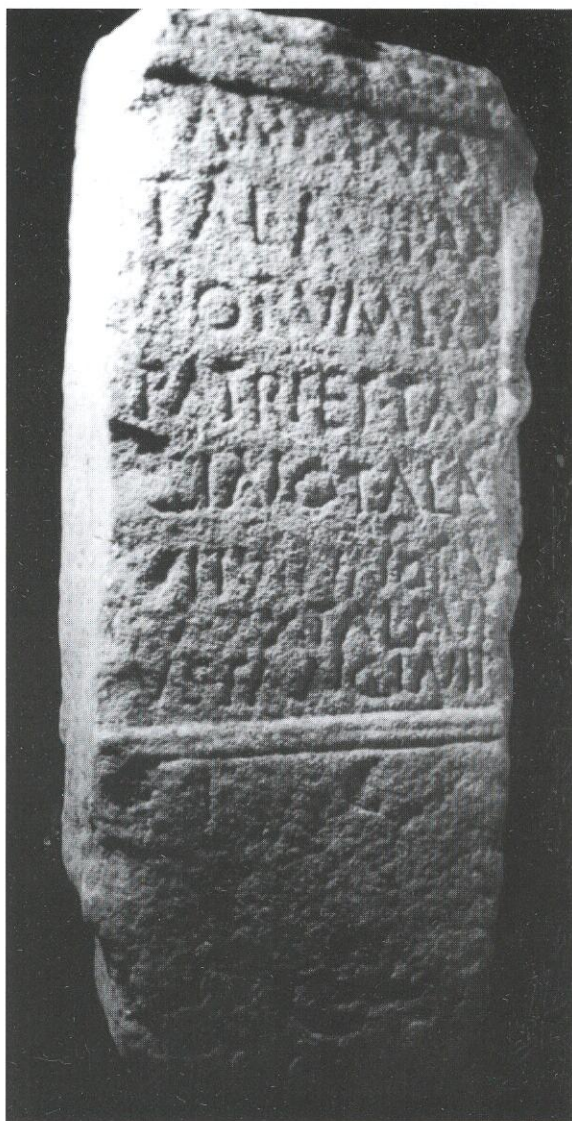
A antroponímia é indígena, abundantemente conhecida na região. *Tancinus* (ou *Tanginus*) é dos *cognomina* indígenas mais vulgares neste território da Lusitânia. Quanto a *Talavius*, surgem-nos também diversos exemplos na região galaico-lusitana¹.

Os laços familiares são nítidos: o dedicante é filho de um dos defuntos e é pai do outro. A inscrição revela o facto curioso da permanência e reutilização de patronímicos pela linha paterna. Os defuntos, avô e neto, possuem o mesmo nome - *Tancinus*. O dedicante - *Talavius* - tem também o mesmo nome do seu avô.

A paleografia, a onomástica indígena, o formulário (ausência de invocação aos deuses Manes) e o tipo de monumento sugerem uma datação da primeira metade do séc. I d. C.

MARCOS OSÓRIO

¹ Ambos os antropónimos são registados em ALBERTOS FIRMAT, M^a. de Lourdes (1966), *La onomastica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Theses et Studia Philologica Salmanticensia, XIII, Salamanca, p. 218.



281

FRAGMENTO DE INSCRIÇÃO REFERENTE A UM *ALBINVS*, PROVENIENTE DE LISBOA

Publicamos um fragmento de inscrição romana, que encontramos incorporado numa muralha de sustentação de terras, construída após o terramoto de 1755.

O monumento foi recuperado em 1996, no decorrer das escavações arqueológicas que temos vindo a efectuar no prédio n.ºs 22/28 da Rua das Pedras Negras, freguesia da Madalena, em Lisboa, correspondendo à área noroeste das “Termas dos Cássios”.

Trata-se de uma epígrafe originalmente gravada num bloco paralelepípedo, possivelmente uma ara, de pedra lioz rosada, com nódulos esbranquiçados. Encontra-se partido no topo, assim como nos lados direito e esquerdo; foi cortado na sua espessura, tendo sido reaproveitado como pedra de soleira em época anterior a 1755.

A inscrição conserva vestígios das suas últimas quatro linhas, cortadas à esquerda e à direita, com a excepção da quarta, que apenas está cortada à direita, encontrando-se destacada. A primeira linha está também partida no sentido longitudinal, apresentando vestígios da base das letras, que apenas permitem uma leitura muito hipotética.

Dimensões: (55,2) x (38,2) x (17,5)

[...] IVII (uel H) [...] / [...] ESMY [...] / [...] IALBINI [...] / SE [...]

Altura das letras: 7,5. Espaços: 2,3 (último = 2,5).

As letras são do tipo monumental quadrado, não apresentando a inscrição linhas auxiliares.

A última linha da inscrição pode ser interpretada como *seruus*, em qualquer género, número ou caso. Esta interpretação concorda

com o genitivo de *Albinus*, que preferimos a *Albinus*, gentílico já atestado em Lisboa ¹, embora aqui pareça ser um cognome, devendo o “T” que lhe é anterior pertencer ao *nomen*, naturalmente também em genitivo. Na antepenúltima linha, devemos, pois, estar em presença do nome de um escravo ou de uma escrava de Albino, cuja identificação não é possível restituir.

A pequenez do fragmento e o facto de não se ter conservado qualquer fórmula epigráfica impede-nos de o classificar.

A. M. DIAS DIOGO
LAURA TRINDADE



¹ A. Vieira da SILVA, 1944, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, C. M. de Lisboa, n.º 36.

FRAGMENTO DE INSCRIÇÃO REFERENTE A UM *IVLIVS*, PROVENIENTE DE LISBOA

Fragmento de inscrição, utilizado como material de construção nos alicerces do edifício n.º 22/28 da Rua das Pedras Negras, freguesia da Madalena, em Lisboa, edifício que foi construído durante a década de 80 do século XVIII, integrando-se na área da reurbanização pombalina consequente ao terramoto e incêndio de 1755.

Este documento foi recuperado em 1992, no decorrer das escavações arqueológicas que temos vindo a realizar no sítio das “Termas dos Cássios”. Trata-se de uma epígrafe originalmente gravada num bloco paralelepípedo, talvez uma ara funerária, dadas as características do texto, de pedra lioz avermelhada, com nódulos esbranquiçados. O fragmento encontra-se partido no topo e cortado nos seus lados direito e esquerdo. As costas foram talhadas, possivelmente para o reaproveitamento da pedra como elemento de ombreira, numa época anterior ao terramoto de 1755. É ainda muito provável que a sua base fosse originalmente moldurada, tendo esta moldura sido cortada aquando do reaproveitamento da pedra, o que provocou um vazado no fundo da face epigrafada.

Conserva vestígios das cinco últimas linhas da inscrição, cortadas à esquerda e à direita, com a excepção da segunda, que apenas se encontra cortada à direita, aparentando encontrar-se destacada e obedecendo a um eixo de simetria. A primeira linha conservada encontra-se ainda partida no sentido longitudinal, apenas apresentando vestígios das bases das letras.

Dimensões: (68,2) x 35,3 x 21,6.

[...] Ġ(uel Ċ) AĠ(uel Ē) Ġ(uel Ȯ) Ġ(uel Ē) [...] / CHO [...] /
[...] ANNOŖ [...] / [...] Q(uel Ȯ) · IVL·GE [...] /⁵ [...] FIĠIQ [...] /
I [...]

Altura das letras: l. 2: 6,9; l. 3 e 4: 7; l. 5: 7,2. Espaços: l. 3,2; 2: 3; 3: 3,2; 4: 3,3.

As letras são de talhe profundo, do tipo monumental quadrado. A inscrição não apresenta linhas auxiliares e os dois pontos divisores, na quarta linha, têm forma triangular.

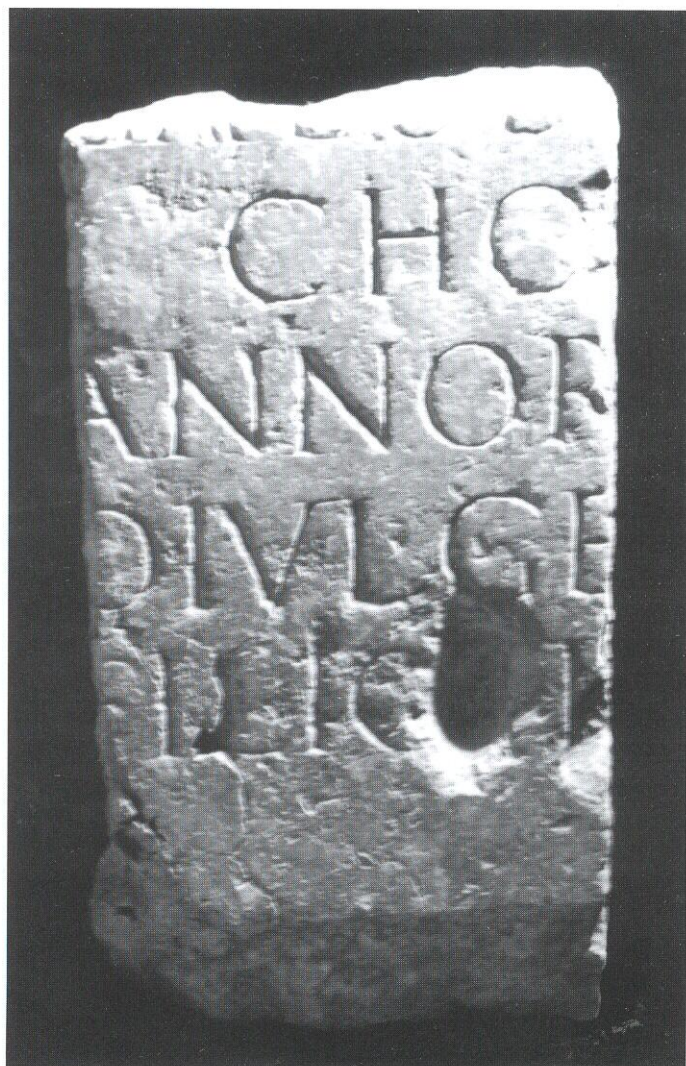
A última linha da inscrição é facilmente legível como *filio (p)i(issimo)*, o que nos leva a interpretar este monumento como sendo funerário, possivelmente uma ara, dada a sua morfologia. A penúltima linha permite-nos conhecer o nome do pai, muito provavelmente *Q(uintus) Iul(ius)*¹, com o *cognomen* incompleto devido ao estado da epígrafe, mas iniciado por *Ge(...)*.

O texto parece não ter sido muito danificado no seu lado esquerdo, aparentemente apenas a primeira letra de cada linha foi cortada na vertical; assim, a terceira linha apresentava-nos a idade do morto: *annor(um)*. Em total concordância com este tipo de textos a primeira linha original desta inscrição deveria apresentar a fórmula funerária inicial (*D. M. S.*), a que se seguiria uma segunda linha, também já inexistente, onde se encontrava o *praenomen* e o *nomen* do morto. A terceira linha original, que registaria a tribo e o *cognomen* do defunto, deve corresponder à primeira linha de que restam vestígios, sendo possível restituir *Gal(eria tribu)*, tribo a que pertencem os vários *Iulii* já possíveis de referenciar para Lisboa.

Finalmente, na segunda linha de que restam vestígios, possivelmente a quarta original, destacada e centrada no texto, o que é muito comum em Lisboa, encontrava-se registada a naturalidade ou a profissão do morto, talvez *Cho(bensis)*, da cidade de Choba, na Mauritânia Cesarina, ou ainda no domínio das meras hipóteses: *Cho(rago)*, que poderia ser traduzido por “director teatral”.

LAURA TRINDADE
A. M. DIAS DIOGO

¹ São naturalmente abundantes os indivíduos com o *nomen Iulius* atestados na epigrafia romana de Lisboa; entre estes, os homens, com o *praenomen Q(uintus)* são muito comuns (A. Vieira da SILVA, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, 1944, n.ºs 41, 43, 44, 88, 116).



283

INSCRIÇÃO FUNERÁRIA PALEOCRISTÃ
DA RUA DE SÃO MAMEDE AO CALDAS,
EM LISBOA

Monumento descoberto em Maio de 1993, numa intervenção arqueológica de emergência que efectuámos na Rua de São Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penafiel, durante a abertura de uma vala para a instalação de novos cabos dos TLP. Encontrava-se reaproveitado na cobertura de uma sepultura medieval, conjuntamente com duas impostas, também paleocristãs, muito provavelmente pertencentes ao mesmo templo da inscrição.

Junto do local onde descobrimos a sepultura encontrava-se situada a antiga igreja de São Mamede, que foi destruída pelo terramoto de 1755 e cuja construção original será anterior a 1209¹.

Estamos em presença dos restos de uma tampa sepulcral fragmentada, de pedra lioz esbranquiçada, com veios rosados, partida no topo, ao fundo e do lado direito.

A inscrição está incluída num círculo irregular de sulco duplo, com cerca de 45,8 cm de diâmetro médio, encimado por uma cruz pátea, de que apenas resta a base. Conserva vestígios de quatro linhas, estando a quarta partida no sentido longitudinal.

Dimensões: (49) x (42) x 12

DEP(Ō)SITIO TESSODIS / D(ie) XVI (ante) KaL(ENDAS) /
IANN(uarias) EṘA

[...]

Trata-se de uma inscrição muito simples, iniciando-se com a palavra funerária *Depositio*, que pode ser traduzida por “enterro”,

¹ Segundo Ferreira de ANDRADE, *A Freguesia de S. Cristóvão*, 2.º vol., Lisboa, 1945, p. 100.

a que se segue o nome do defunto – *Tessodis* – a data da sua morte: 16.º dia antes das calendas de Janeiro (16 de Dezembro). O ano da sua morte encontrava-se numa quinta linha que não sobreviveu.

As letras e a decoração foram gravadas através de um processo de picotagem e abrasão, que deu aos sulcos uma secção irregular em “U”. O texto encontra-se disposto sem qualquer simetria, sendo também irregulares os espaços interlineares e a altura das letras dentro da mesma linha (1.ª “P” 6,6 cm, 2.ª “S”: 4,8 cm, 3.ª “V”: 7,6 cm). As letras são altas e apresentam alguma elegância, com os traços rematados por volutas. O “D” é hemitroncocónico, o “P” é fechado e o “O” é irregular. São ainda de notar o “A” pequeno e cursivo de *Kalendas*, na terceira linha, e o nexu “AN”, de *Iannuarias*, na quarta.

O formulário e o desenho das letras desta inscrição têm paralelo directo noutra, que recuperámos a cerca de vinte metros de distância, no decurso das escavações no Palácio Penafiel². Comparando as inscrições, não temos qualquer dúvida de que, não apenas são ambas da mesma época, como também foram gravadas pelo mesmo lapicida. Possivelmente, tanto estas inscrições como a generalidade dos materiais líticos paleocristãos, que temos vindo a encontrar em várias intervenções arqueológicas à volta da Rua de São Mamede ao Caldas, deverão ter pertencido a uma basílica paleocristã edificada próximo deste local.

LAURA TRINDADE
A. M. DIAS DIOGO

² Veja-se A. M. Dias Diogo, 1997, *Ficheiro Epigráfico*, 56, n.º 261.



284